



# TRIBUNA LIVA

13  
Outubro  
1955

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITADO POR PAULO BARBOSA DE MACEDO

EDITADO POR ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

EDITADO POR JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: ISNAGE BARBOSA DE MACEDO

Comunicação, Impressão e Redacção: LAGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR TEL. 6213 — AMARES

## A CAMPANHA DO AUTOMÓVEL CLUBE E O PROBLEMA DO TRANSITO

Por Militão Porto

Portugal é um país de humoristas. E se Byron dissesse, como pretensamente se lhe atribui, que esta nossa Pátria era constituída por poetas, médicos e loucos (na generalidade paupérrima do termo), hemos de concordar que o famoso poeta inglês omitiu estoutro pormenor, bem mais interessante da nossa faceta: o humorismo.

Se atentarmos na organização do todo português verificamos o infesto anedótico do nosso ser. E só por humor temos tratado através dos tempos todas as questões mais importantes.

Pois bem. Vitorino de Sousa, o fogoso locutor da Emissora Nacional, inteligentemente deduzindo as considerações que atrás deixamos, editou um livrinho com

três artigos publicados no jornal de Notícias, do Porto, sobre o trânsito, que obtiveram — e com todo o jus — o 1.º prémio de uma espécie de jogos florais que o Auto-

móvel Clube em boa hora se lembrou de pôr em execução.

Mas aqui começa, de entrada, o anedótico do caso. Vitorino de Sousa, naturalmente que desejou fazer em opúsculo a publicação dos três artigos. E, vai daí, teve de o mandar editar à sua custa. Ora, um autor desta categoria, que em palavra fluente, sã e escoreita consegue trazer ao leitor precavido um remanso espiritual de bom quilate, salpicado de excelente humor, noutra país, que não fosse este belo Portugal, teria cinquenta e dois editores a solicitar-lhe a primazia da publicação e uns milhões de leitores a avidamente assimilarem as suas judiciosas considerações.

Ainda não há muito, que na América, naquela terra onde os talentos superabundam e, às vezes, o exotismo

(Continua na 4.ª página)

## MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

Continuação do número anterior);

• • •

A retirada desses nobres senhores feudais do seio de suas terras, do meio do seu povo para os grandes centros; a redução a escombros destes cenóbios de penitência e de oração, de conjunto com o trabalho e o estudo, donde constantemente se erguia ao Céu um hino eterno ao Criador, foi obra e vitória inútil do Liberalismo que, apesar de glorificar-se de ter desferido o golpe de misericórdia sobre as velhas instituições nacionais, nem ao menos soube ou pode fazer qualquer coisa que compensasse estas perdas irreparáveis.

Já então se levantaram ao Céu, como há-de ver-se quando tratarmos especialmente da freguesia de Bouro, os mais clamorosos protestos contra a destruição de um fabuloso património artístico que jamais poderá reconstituir-se.

Hoje, decerto levanta-se do fundo dessas ruínas confrangedoras, debaixo dessas lages claustrais, que abrigam as cinzas de monges humildes e de prelados insígnies em sabedoria e santidade, um côro de imprecações e de condenação contra todos quantos concorreram para a derrocada moral e material de uma grandeza que levou séculos a construir.

Naqueles tempos distantes, de verdadeira e sã actividade, tiveram os antepassados a notável preocupação de lançar os alicerces de uma obra imorredora, que ultrapassasse a memória das gerações.

Dos velhos códices e escrituras, das instituições de vínculos e herdades, dos morgadios, das meações e terços, de legados, que tudo foi criado para salvaguarda e firmeza do legítimo direito e posse da terra, esse pensamento ressaltava à vista nestes termos:

«.....et qui hunc factu nostro infringere tentaverit reus sit ac sancto comunione separatus et cum iuda traditore accipiat participio in eterna danatione.....» (Dipl. et Chartae-In fundatione cujusdam ecclesiae.)

Sobre tão expressas disposições da última vontade de gerações heróicas, sucederam-se dinastias vigorosas e robustas de obreiros da terra, que fizeram do meio rural

(Continua na 6.ª página)

O Pérplo de África visto do «Vera Cruz»

## Cairo e Pirâmides

No dia 18, muito cedo, tudo se movimentava a bordo, para partir para o Cairo em grupos já organizados. Segundo o que nos dizem os guias turísticos, são precisos 10 dias para ver o Cairo, mas com a ajuda dum «drogman» e um automóvel é possível ver uma boa parte num só dia. Assim fizemos, e se o nosso Eça de Queiroz, cujas opiniões e conselhos sobre o Cairo, vamos seguir nesta visita, contractou «Jonas Ali», nós tivemos a sorte de encontrar o Guia n.º 56, «Maomed Assan», e um taxi, por bom preço, para um dia bem aproveitado. Assim, às 7 horas iniciamos esse percurso de 225 quilómetros, grande parte através do deserto, também com a sua beleza.

Avistamos os terrenos de «El Alamen», onde foram derrotados os alemães do «África Corps», e passamos pelo grande campo de concentração, que alojou os prisioneiros germânicos, hoje convertido em acampamento militar, ainda cercado com o arame farpado de então.

A meio do caminho, detive-

mo-nos numa luxosa pousada, no meio do deserto, para tomar o pequeno almoço.

Devido à actual crise internacional, motivada pela nacionalização do Canal, todo o percurso até ao Cairo é policiado por forças militares, que nos mandam parar amiudadas vezes para identificação, avisando-nos de que não podemos tirar fotografias.

Em todas as elevações se vêem soldados abrindo trincheiras e colocando sacos de areia, em defesas improvisadas, num preparativo febril, tornando-se mais intenso e com maior utilização de armas e material mecânico, nas proximidades do Cairo.

Cerca das 10,30 horas, começamos a avistar as Pirâmides, para cerca das 11 horas entramos no Cairo, dirigindo-nos imediatamente para o célebre Museu, porque fechava às 13, através de uma imensa multidão compacta e espessa, que circulava como uma massa mal derretida, sob calor sufocante.

Ali passamos essas exíguas 2 horas na contemplação das reliquias dessa civilização dos Faraós, cujos túmulos e sarcófagos encerram riquezas imensas de valor e arte desses povos primitivos. Vimos também as suas admiráveis obras de escultura em granito, alabastro e madeira, de grande perfeição e fantasia, às quais são atribuídos 4.000 anos. Tudo isso

(Continua na 4.ª página)

## UM MAL NECESSÁRIO

A manutenção das forças militares, em todo o mundo, consomem verbas astronómicas que excedem em muito o que se dispende com toda a ordem dos serviços sociais.

Contudo, as nações continuam a reservar a este «mal necessário», cada vez maiores dotações, pois assim o exige a tensão internacional do presente.

Numa época em que a prosperidade colectiva poderia ser já um facto universal, devido ao elevado teor da ciência aplicada, graças aos milagres da técnica, depara-se cada vez mais obstinadamente com este factor anti-social da preparação bélica que priva muitas centenas de milhões de criaturas, do que é mais essencial à vida.

No entanto, as cabeças mais sensatas, os espíritos mais equilibrados, as nações prósperas e mesmo as deficitárias, sacrificam à indesejável guerra o que deveriam entregar avidamente à apetecida e urgente melhoria

de vida dos povos. Este jogo de cifras é manejado com a mesma destreza com que se brandem as armas e fabricam bombas: os cofres

(Continua na 4.ª página)

## Impõe-se a imediata construção da estrada municipal Ponte do Bico--Ribeira--Igreja, em Lago.

Falamos, aqui, da construção desta estrada, há cerca de três meses. Voltamos hoje a fazê-lo, mas desta vez com a satisfação a dominar-nos.

É que o projecto encontra-se feito, graças aos esforços da Junta de Freguesia de Lago, e a Câmara deliberou já favoravelmente quanto ao mesmo, fazendo-o seguir o caminho devido.

Subsiste uma pequena compreensão quanto a um dos cedentes de terrenos, mas esta, estamos certos, virá a ser vencida sem delongas, dado que

já todos os outros compreenderam que o interesse comum não pode subjugar-se.

Há necessidade da sua realização, há urgência e há mesmo uma condição moral, à qual não podemos fugir.

Esta estrada vai ser a principal realização à futura ponte que irá ser construída sobre o Rio Homem, em futuro muito breve, graças às diligências das autoridades do concelho de Vila Verde, as quais também já fizeram construir uma estrada que daquela Vila conduz ao

(Continua na 3.ª página)

# TRIBUNA DA MULHER E DO LAR

## QUADRA

A dor—mistério profundo  
A envolver a humana lida;  
Quanto mais dor há no Mundo,  
Mais no Mundo existe vida!

Vicente Capuano—(bras.)

## BORDADOS, RENDAS, FITAS E FOLHINHOS

### nas roupas interiores

Por NOÉMIA GIL FARIA

Sem voltar completamente aos «frou-frou» das senhoras dos anos que ficaram conhecidos pela «Bela Época», a moda 1956 para roupas interiores ressuscitou o gosto pelas rendinhas, pelos laços, pelas preguinhas—miúdas ou largas—pelos folhos, pelos galões bordados com fitas de côr entrelaçadas e, sobretudo, pelo bordado inglês, finamente bordado à mão ou, para as menos habilidosas ou mais apressadas, comprado a metro. A mulher que trabalha prefere, indiscutivelmente, os tecidos à base de «nylon» pela vantagem que oferecem na lavagem e na conservação de pregas e de plissados. Há enormes variedades, sendo os mais bonitos para o efeito os que imitam setim, tafetá, «voile» ou «georgette». Quem apenas se ocupa dos trabalhos dasua casa e tem mais tempo livre para cuidadosas passagens a ferro com goma, escolhe os bonitos tecidos de algodão, principalmente batistas e as delicadíssimas cassas que tão lindas ficam quando engomadas com um arzinho, muito leve, de goma. Há ainda as senhoras que dão preferência aos tecidos de seda—natural ou artificial—em bem apresentadas musselinhas, «voiles», setins, crepes de China e tafetás.

Quanto aos feitios, domina o estilo Império embora se veja muito estilo Crinolina. No primeiro, a roda parte da linha dos ombros ou da do busto. No segundo parte da cintura ou das ancas.

A camisa de dormir usa-se muito curta mas sempre acompanhada de roupão de quarto que, as mais das vezes, é uma pequena maravilha de trabalho de mãos com as suas pre-

guinhas muito miudinhas ou com os seus bordados delicados. O roupão deixou de se usar em tecido pesado e de corte muito simples. Agora, enche-se de bordados, de rendas de folhos, de galões, de entremeios com fitas passadas, de tudo, enfim, que fez os encantos da segunda metade do século passado. A camisa de dormir, se bem que mais sim-

ples, tem as mesmas aplicações.

As combinações são de dois tipos principais e absolutamente diferentes: a combinação lisa, quase sem roda, com rendas maleáveis e que se usa com os vestidos de saias lisas e a combinação de folhos rodados que se veste com os vestidos de saia ampla. Há, ainda, umas saias mais ou menos rijas, confeccionadas em «nylon» forte, em preto, branco, rosa ou azul claro. Afastam as rodas dos vestidos e poupam o trabalho, sempre fatigante, de passar, com goma, a saia rodada.

Volta a usar-se, também, o conjunto de camisa de dormir, combinação, colete e calça iguais. Para a rapariga que trabalha fora de casa há uns «nylon» lindíssimos com fundo pastel e florinhas espalhadas simetricamente. Com estes tecidos de «nylon» é necessário ter cuidados especiais que as fábricas, de resto, nos recomendam. Por exemplo, nunca se deve empregar um bordado ou uma renda de algodão a guarnece-los pois o algodão encolhe e o efeito, depois de primeira lavagem, é desastroso. O fio a empregar deve ser, também, de «nylon». É necessário muito cuidado no cortar, no coser e no rematar das costuras, pois o tecido esfiapa-se com a maior das facilidades. Eis o segredo das duas costuras a par, que encontramos nas boas roupas de compra.

A noiva de 1956 volta a interessar-se pelo seu enxoval tal como as dos anos há muito passados. E não é só a roupa do seu corpo mas também a da sua casa. Uma novidade é a roupa de cama ser guarnecida com os mesmos motivos da camisa de dormir e do roupão. Como pormenor novo aparece uma almofadinha pequena com os mesmos folhinhos, preguinhas ou rendas do roupão e que se destina à poltrona do quarto de dormir. Chama-se graciosamente «repousa-cabeceira-repousa» e destina-se aos momentos de relaxe, entre os afazeres e os compromissos da vida moderna.

Talvez que a moda actual seja um bocadinho pretenciosa, talvez faça as raparigas um tudo nadinha vaidosas com as suas rendas, os seus bordados, os seus folhos, mas é sem sombra de dúvida, muito mais linda do que há vinte anos, com as desengraçadas roupas pretas e quase sem feitio do nosso desgracioso enxoval...

## Trabalho sem paga

### O trabalho da dona de casa nas estatísticas

#### —É impossível medir o amor e a dedicação

Obedecendo a certas tendências modernas, não se cantam hoje os méritos das donas de casa e das mães em poemas sentimentais e enfáticos, mas numa parada imponente de cifras, com certeza menos entusiasmadoras, mas talvez mais impressionantes. Em várias estatísticas alemãs apresenta-se a folha de serviços brilhante da dona de casa, realçando devidamente o trabalho realizado diariamente, sem grande alarido, por milhões de mulheres em todo o mundo.

O facto incontestável de uma grande parte da renda nacional, representada pelos ordenados e salários, passar pelas mãos das donas de casa já é do domínio geral. O Prof. Jessen, em Berlim, interessou-se muito especialmente pela situação financeira dos milhões de «pequenos ministros das finanças» de 54 milhões de famílias da Alemanha Ocidental. Nos seis cálculos, para avaliar os trabalhos das donas de casa, o Prof. Jessen, tomou por base mínimos excedidos consideravelmente na vida prática. As donas de casa devem ler com um leve sorriso que o Prof. Jessen atribui duas horas diárias aos trabalhos caseiros, e o valor de 1 marco por hora. O Prof. Jessen chega aliás, a um valor de produção de 11,3 biliões de marcos por ano, só na Alemanha Ocidental.

O investigador teve de encarar dificuldades muito maiores ao tentar reduzir a dados estatísticos o trabalho que a dona de casa realiza como mãe. É realmente impossível integrá-lo nas categorias usuais da economia. As mães lidam com «produtos ou artigos» que com um ano já não são

«matérias primas» e que aos 21 anos ainda, nem sempre são «artigos acabados». Seguindo a teoria dos mínimos, o Prof. Jessen calculou duas diárias por filho e chegou à soma astronómica de 9,5 biliões de marcos. É preciso não esquecer que a mãe trabalha efectivamente em várias profissões, pois é simultaneamente especialista de puericultura, enfermeira, professora e directora da maior agência de informações do mundo, pois tem de responder a perguntas que abrangem toda a vida.

Mesmo recorrendo às estatísticas, é impossível calcular todo o trabalho produtivo e indicar uma remuneração justa do ordenado que uma dona de casa merece.

Dentro do quadro destas considerações cumpre não esquecer que as capacidades físicas da mulher são de 30-40% inferiores às do homem, um facto impossível de compensar plenamente pelo treino. Estudos psicológicos e ensaios práticos provaram, no entanto, que a habilidade do chamado «sexo fraco» é de 60% superior à dos homens. Um examinador declarou que com a mão esquerda as mulheres ainda são mais habilidosas do que os homens com a mão direita.

Nos trabalhos caseiros, na limpeza do soalho, dos tapetes, ao lavar e passar a roupa, as donas de casa gastam 7 a 8 calorias por semana, o que corresponde a «trabalho industrial pesado». Uma dona de casa com marido e dois filhos lava num ano 6.000 chicanas e copos, 3.000 tijelas, 18.000 pratos, 18.000 facas, garfos e colheres. Somando o tempo empregado nestes trabalhos, chega-se a um total anual de três semanas. Entre a cozinha a sala de jantar e os armários a dona de casa movimentada anualmente 5.200 quilos. Na sua ânsia de reduzir tudo a cifras, os especialistas que procederam ao inquérito contaram os passos das donas de casa: 17.000 passos por dia, o que corresponde a 90 km. por semana e 4.700 km. por ano. Na folha de serviços figuram ainda 4 a 6 mil batatas descascadas por ano, 400 a 600 peúgas e meias cerzidas e 14.000 camas feitas.

Segundo os cálculos estatísticos uma dona de casa ao cumprir 70 anos, abriu e fechou 50 vezes por dia a torneira e gastou um lago de água. Atrás desse belo lago, devemos

(Continua na 5.ª página)

## CULINÁRIA

### Linguado recheado com presunto

Amanha-se um linguado grande e tira-se-lhe a espinha separando-o em duas metades. Põe-se uma dessas metades na assadeira ou no pirex e deita-se sobre o peixe presunto picadinho, pimenta, noz—moscada e pedaços de manteiga. Cobre-se com outra metade, rega-se com bom azeite e um pouco de vinho branco, polvilha-se depois com pão ralado e queijo e ainda pedacinhos de manteiga. Vai ao forno e rega-se com o próprio molho para não secar demasiado. Serve-se com puré de batata e couve flor.

Nota—Quando se amanha o linguado, tempera-se com sal.

### «Gratin» napolitano

Num prato de ir ao forno e à mesa, deitando-se batatas cozidas cortadas às rodellas fininhas. Sobre elas, queijo ralado e pedacinhos de manteiga. Por cima deita-se macarrão cozido bem escorrido, queijo ralado e manteiga. Enche-

se o prato alternando o macarrão com a batata. Por último, cobre-se com um molho de tomate bem grosso e polvilha-se com pão ralado. Serve-se no próprio prato.

### SOBREMESA

#### Pão de ló ligeiro

4 ovos, o peso destes de açúcar, o peso de 2 ovos de farinha, batem-se as claras em neve e as gemas com o açúcar. Juntam-se as claras às gemas e vai-se-lhes deitando a farinha a pouco e pouco, untando a lata com manteiga e polvilha-se com açúcar areado e vai ao forno.

#### Creme de chocolate

1 l. de leite, 1 «tablette» de chocolate de 125 gramas. Raspa-se o chocolate e dissolve-se um pouco de leite depois junta-se o resto do leite, e adoça-se ao paladar, põe-se ao lume e deixa-se engrossar. Quem quizer, pode juntar 3' ou 4 gemas batidas.

# TRIBUNA do CONCELHO

## A triste figura do desporto local

A seu tempo não foi feita a eleição dos corpos gerentes do grupo local de futebol e, assim, o mesmo ficou sem dirigentes, pois que os mandatos não são implicitamente renovados.

Mas um ou outro individuo porque pertencera a direcção que passou o seu tempo, arma-se em dono do mesmo e toca a mandar. E o mando é de tal maneira autoritário que até se proíbe um grupo de rapazes de se divertir no campo.

Há uns altifalantes do futebol mas endividados a duas ou tres pessoas e, porque essa dívida existe, o futebol não mais tem quem trabalhe por ele porque logo surgem mil queixas.

A dívida também não se paga porque aparece sempre um senão a dispersar os rendimentos.

O ano passado gastaram-se 8.000\$00 em concertos n'umas aparelhagens novas. Os elementos trabalhadores da direcção lembraram-se de chamar à responsabilidade o «consertador» porque em determinada altura verificaram que havia por lá umas rolhas de cortiça que eram as continuadoras dos concertos. Mandaram concertá-las a uma casa de Braga e, não mais surgiram as avarias.

Não agiu, contudo, como pensou, porque um director, sócio talvez da «consertaria», arranjou todos os argumentos para tirar da cabeça dos colegas a ideia.

Há dias, foi arranjada uma direcção que se responsabilizasse pela dívida dos altifalantes e trabalhasse pelo futebol.

Puseram dificuldades de mil formas e o grupo ficou sem dirigentes e continuou ao sabor das ondas; por isso, um grupo de rapazes juntou-se para continuar a exercer o desporto mas logo vieram proibir que pisassem o campo.

Entretanto o balneário está a cair, as balizas no chão, as chuteiras rompidas, as meias desapareceram e só o mando está de pé.

Foi pedida uma assembleia. Oxalá que pensem menos em altifalantes e mais em desporto, se aqueles impedem o exercício do futebol, fiquem com eles ou vendam-nos.

Mas julgamos que pode arranjar-se quem trabalhe pelas duas coisas.

O que não está certo é que seja dono do campo um individuo que mostrou já ser inimigo desta terra, que contra ela andou a colher assinaturas falseando a verdade e que deve ser sócio na tal «consertaria».

### Novas construções

Pelo sr. José Augusto de Paula, agente da P. S. P. do Porto aposentado, foi comprado o último talhão que se encontrava à venda junto da Escola.

Desta maneira acabou o terreno disponível para construções, sendo de desejar que outros proprietários surjam com igual disposição pois que esta é a melhor maneira de engrandecer a terra.

Ao sr. José Gil de Macedo ficamos a dever um alto serviço cujo significado se conhecerá em toda a sua medida quando todos os edifícios estiverem feitos.

### Com vista à Direcção de Estradas

Em oito de Maio do ano corrente, a Comissão de Festas de Santo António, pediu licença à Direcção de Estradas de Braga, para montar as ornamentações nas festas realizadas de 13 a 17 de Junho.

O processo respectivo correu seus trâmites e em 20 deu entrada naquela Direcção com a informação do Chefe da Zona de Conservação pronto portanto, para o despacho a conceder licença.

Esta demorou e só foi concedida em 15 de Junho mas

já com recomendação para serem autuados os requerentes que forçosamente teriam de montar as ornamentações em 13 de Junho.

A licença era por 2 meses o que coloca a Comissão neste dilema, ou a pedia com mais antecedência e se fosse concedida logo não chegaria ao dia das Festas, ou a pedia como pediu mês e meio antes, e ela só era concedida depois das Festas.

Isto é, de qualquer maneira, enquanto a entidade responsável assim proceder, a multa tem de ser paga, ou por que se pede cedo demais e lembram-se de andar depressa, ou se pede com muito tempo de antecedência e mesmo assim ela não vem a tempo.

Preso por ter cão, preso por não o ter.

### Notícias pessoais

Deu-nos a honra da sua visita o nosso prezado conterrâneo Ex. mo Sr. Manuel Fernandes Duque, conceituado industrial nos Estados Unidos do Brasil, que há perto de um ano se encontra, com sua esposa a Ex. ma Srna. D. Laudemira Carvalho Duque, a gosar merecido repouso na sua quinta de Seramil de Cima.

Regrêssa em breve ao Rio de Janeiro, a retomar as suas actividades, antes, porém inscreveu-se como assinante do nosso jornal, o que muito agradecemos.

Após um longo periodo de uma bem merecidas férias, par-

tiu para Luanda, o nosso conterrâneo e particular amigo Sr. Adelino Domingos Campos da Silva, de Figueiredo.

Pessoa afável, deixa em todos os seus amigos a mágoa da saudade.

«Tribuna Livre» deseja-lhe boa viagem e muitas prosperidades no futuro.

### Novos Assinantes

Junto de nós esteve o Sr. José Maria da Silva, da Quinta do Sol, de Figueiredo, a pedir a sua inscrição como novo assinante.

Inscribe-mo-lo com todo o prazer, e já lhe enviamos o presente número.

Pelo Sr. José Ribeiro da Ponte do Porto, nosso estimado assinante, foi-nos indicado o Sr. José Gentil Ribeiro Soares, que actualmente se encontra a residir em Lisboa, para novo assinante.

Gratos pela sua indicação.

### Agradecimento

O abaixo assinado, na impossibilidade de agradecer pessoalmente às pessoas amigas, que se interessaram pela sua saúde quando da intervenção cirúrgica a que ultimamente foi submetido, vem por este meio muito reconhecido e grato agradecer a todos.

Rosalino da Trindade Almeida

## Vida elegante

### Aniversários

Hoje faz anos: O Sr. Manuel Dias de Magalhães, e o menino António Alberto Dias Monteiro.

Sexta Feira - O Sr. José da Costa Azevedo, que completa os seus 77 anos de idade.

No passado dia 11 do corrente, quinta-feira, fez anos o Comendador Sr. Augusto Ferreira Arantes, grande proprietário nesta Vila e industrial na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, e que presentemente se encontra entre nós.

Os desportistas locais que do aniversariante têm recebido as maiores deferências com ofertas de materiais e donativos para as suas actividades também rodearam o Comendador sr. Augusto Ferreira Arantes das maiores atenções expressando-lhe assim a sua gratidão.

O novel Grupo Desportivo «Os Leões d'A Modela», expressou, também, ao homenageado, o apreço em que o tem pela sua simpatia para com os desportistas.

Na casa em que vive o Sr. Ferreira Arantes foi cumulado com manifestações de maior apreço e deferência, pelos seus amigos mais intimos.

## BOURO

### A Agricultura nesta freguesia

Está quase terminada a faina das vindimas nesta freguesia.

Os agricultores aproveitando o bom tempo que ultimamente temos tido, dedicando-se animadamente à recolha do «S. Miguel».

Verifica-se uma colheita pequena em relação aos anos anteriores.

Os milhos das terras regadias ainda estão bastante atrasados, esperando-se por isso o tempo sêco suficiente, para que se possa proceder à recolha.

As colheitas além de atrasadas como foram, são ainda insignificantes.

Mais um ano de crise para a nossa agricultura.

### Santuário de Nossa Senhora da Abadia

O maravilhoso Santuário de Nossa Senhora da Abadia, tem sido muito visitado durante este verão, especialmente ao Domingo.

É grande o número de auto-carros em serviço de excursão, que todos os Domingos sobem até junto da Milagrosa Imagem. Estamos certos que a Ex. ma Confraria, deve ter este ano uma receita bastante superior aos anos anteriores, vista a concorrência que ali tem havido.

Oxalá que assim seja, para que o histórico Santuário de Nossa Senhora da Abadia, continue a merecer a atenção dos piedosos visitantes, pois só assim é possível a conservação de tão rico Santuário, que conta já alguns séculos de existência.

Que a fé por a Milagrosa Senhora da Abadia seja cada vez maior, para podermos pronunciar com toda a alma: VIVA NOSSA SENHORA DA ABADIA.—C.

### Construção da estrada municipal em Lago

(Continuação da 1.ª página)

dito local.

Não estaria certo, e alegramo-nos por todos nisso estarem de acordo, que o concelho de Amares deixa-se erguer a referida ponte sem possibilitar o trânsito, pois que se do nosso lado não houvesse estrada a ponte para nada serviria.

Acresce que a passagem sobre o Homem vai servir igualmente os dois concelhos e é aspiração vinda de longa data, tão longa que já há vinte anos se pugnava por ela.

Além disso ela vai servir lugares populosos e sem outro meio decente para o seu trânsito, os quais receberão largo benefício do que carecem para escoamento dos seus produtos agrícolas.

O pedido agora feito respecta à primeira fase, mas é vontade da respectiva Junta que a segunda fase seja feita sem demora a ponto de já estar concluída logo que a mesma ponte esteja feita e aberta ao trânsito.

Razões não faltam, pois, pa-

ra que a estrada em questão se abra a sem delongas e certamente que tal vai acontecer até porque o nosso município — como nos é agradável elogiar e como gostávamos de o fazer sempre — aprovou a obra e está pronto a dar-lhe seguimento.

## Alfaiataria 'Belcorte, Alta Costura

Na próxima semana, dia 15, e com vistas a estabelecer-se, futuramente, em Braga, abre ao público a nova e moderna alfaiataria «Belcorte», instalada em edificio de Largo do Dr. Oliveira Salazar (antigo Feira-Nova), sob a orientação do contra-mestre, José Eduardo Macedo Gonçalves, que o ano passado se diplomou com distinção (17 valores), pela Academia Maguidal de Lisboa.

No seu próprio interesse, poderá V.ª Ex.ª, — cavalheiro, senhora ou criança — encontrar na «Belcorte» a confecção rápida, do seu vestuário simples ou de cerimónia, e dentro dos moldes da melhor técnica hodierna.

Não procure, pois, longe o que poderá encontrar ao pé da porta!

## HUMORISMO

### Tenha cuidado

Um homem entra num bar e, com ar dramático, pede uma bebida grande, fresca e com ar muito fino. Um bebedor que dormitava a um canto, ergueu a cabeça e murmurou: —Tenha cuidado. Está a falar da mulher que eu amo...

### Não volto à escola

—Mamã, não volto mais à escola! declara o pequeno António.

—E porquê meu filho?

—Porque é inutil. Não sei ler nem escrever e a professora proíbe-me de falar...

### Corajoso

—Já andei por longas terras. Muitas coisas presenciei nas minhas viagens. Certa vez estava eu no Japão, quando se desenrolou um violento terramoto.

—E não tiveste medo?!

—De nada. A terra tremia muito mais do que eu...

### Economia

Papá, o senhor não me disse que me daria cem escudos se eu ficasse bem nos exames?

—Disse sim e ainda estou pela palavra.

—Bem, papá, eu quis poupar essa despesa inútil em casa...

## Périplo de África visto do «Vera Cruz»

e ainda variadíssimos objectos, tais como carros, camas douradas e de ouro puro, barcos, etc., foram encontrados no célebre Vale dos Reis, que as areias do deserto submergiram durante muitas gerações.

Enchem uma grande parte desse Museu as reliquias do Rei «Tutan Kamuni», cujo sarcófago, de ouro puro, com o peso de 110 quilos, estava encerrado em mais 7 sarcófagos, servindo de envólucros, cada um o mais original. No seu túmulo, segundo nos informa o guia, foram encontradas imensas riquezas e peças de arte, incluindo cereais para comerem, quando, segundo a sua crença, voltassem a encarnar.

Não há narrativa possível que possa dar uma ideia segura do que ali se expõe, tal é a vastidão dos artigos e objectos existentes.

Desde o batão e perfume da rainha, já usados há 4.000 anos, até ao seu luxuoso carro doirado, tudo nos é dado observar num deslumbramento patético, pela grandeza e ciência desses povos primitivos.

Seguiu-se a visita à grande mesquita de «Tutime». Obra imensa de arquitectura do século XII, que levou 80 anos a construir.

O seu interior é de trabalhosos e riquíssimos motivos árabes, que nos deixam maravilhados, à luz das suas 2.500 lâmpadas eléctricas.

Já Eça de Queirós dizia que a grande maravilha do Cairo, são as suas mesquitas, e elas são quatrocentas.

Esta grande mesquita fica sobranceira à cidade e do seu miradouro abrange a nossa vista toda a cidade do Cairo, do lado onde ela é mais bela. Tem por tecto as abóbadas e cúpulas das suas mesquitas e minaretes e por fundo o cenário grandioso das Pirâmides, a que o Nilo, com os seus canais e as suas pontes, empresta alegria e frescura.

Terminada esta visita era hora de almoço, para o que fomos conduzidos a um luxuoso restaurante árabe, tipicamente regional, cujo ambiente nos impressionou agradavelmente, pela sua originalidade.

A refeição foi servida rigorosamente à oriental e foi motivo para grande hilaridade, os turistas terem de se sentar nas típicas almofadas árabes, cuja posição se tornava incômoda por não sabermos cruzar as pernas. O serviço e talheres para três, vinha em uma grande bandeja, ocupando toda a mesa. À sala, toda forrada a pano, com figuras e arabescos, da maior fantasia, dava ao conjunto um ambiente bizarro.

Até as 17 horas percorremos a cidade, que podemos classificar de boa, com muitos prédios de categoria, à qual o Nilo, com os seus vários canais, dá brilho e frescura, a par duma vegetação vistosa. Tem boas arterias e praças no centro, a que as várias pontes do Nilo emprestam grande interesse turístico. As ruelas do Cairo e os seus

bazares, têm características de pitoresca desordem e desalinho, transbordando de transeuntes, cobertos de lixo e pó. É sem higiene como todas as cidades que vimos no Egipto, apesar de ali passar tanta água desse grande rio. Não se avista prédio algum que mostre sinais de ter sido pintado alguma vez depois de construído. Muitos vimos até, de grande porte, ha muito construídos e habitados, com o tijolo à vista, sem revestimento. Segundo nos foi dito, a cidade tem 3 milhões de habitantes e no entanto não nos parece maior do que Lisboa. A razão disto reside em que, nas ruas e artérias menos centrais, vivem amontoados os árabes, onde o movimento é pavoroso e o cheiro nauseabundo. No mesmo alojamento onde em Lisboa vive uma família, aqui vivem 10. O clima muito quente, permanentemente na casa dos 40 graus, protege essa vida miserável e quase sem abrigo.

Ficamos surpreendidos ao ser informados que aqui quase nunca chove. O mais que pode acontecer é chover alguns minutos, uma vez, de 2 em 2 anos. Muitos prédios não têm telhado e é aquela uma das razões por que os recortes dos prédios e toldes, estão cobertos de pó.

No centro da cidade vimos um mercado onde estava exposta carne, frutas, pão etc, com um grande monte de lixo no centro, que os árabes remechiam, procurando qualquer coisa ainda útil.

Não pode no entanto o turista esquivar-se a este ambiente, porque é precisamente nestas ruelas e quelhas, onde se buscam os motivos de mais interesse e o típico da cidade.

Também não pode furtar-se de comer o seu pão característico, autêntico bolo assado, que na rua, em sertãs, é cozido e manipulado como aqui o são as nossas típicas castanhas.

Estava finda a visita da cidade, que cruzamos em direcção às célebres pirâmides, tidas como uma das sete maravilhas do Mundo. Próximo delas somos minúsculas formigas na contemplação do sobre-humano. Diz-nos o guia, que a Sheop tem 400 metros de altura. Não podemos avaliar. É uma mole imensa de granito, bem como as outras duas que se lhe seguem. Dentro delas tudo é uma interrogação. Disse com razão Eça de Queiroz:

«O que mais surpreende nas pirâmides é o mistério. Aquelles muros, pedras, interiores, sarcófagos vazios, corredores solitários, tudo tem um aspecto de mudez e de segredo, que espanta. Dá vontade de ferir, de espancar aquelas pedras, para as obrigar a dizer o seu segredo. Ali, não há esculturas, nem inscrições: tudo escarnece a curiosidade humana»

Se bem que já conhecessemos o seu exterior pelo cinema, gostamos de as ver aqui. O cinema pode apresentá-las mais coloridas, pode dar-lhes mais luz e escolher a melhor posição, mas o que não há dúvida é que lhes tira todo o realismo e

## Um mal necessário

(Continuação da 1.ª página)

abrem-se e a arte da guerra atinge em nossos dias forma tão completa e ao mesmo tempo tão eficiente no modo de pôr cobro à vida, que, se o mundo esquecer, realmente, que brinca com o fogo, cavará a sua completa ruína num impressionante suicídio de concepção apocalíptica.

Mas é inegável que os altos desígnios de Deus se têm de cumprir e, ao conduzir o homem para este labirinto infernal da guerra, certamente procurará chamá-lo ao uso da razão e vai-lhe dando tempo para reflectir neste verdadeiro «perigo de vida ou de morte».

Como o nosso País não podia fugir à regra, acabamos de fazer importantes Manobras de Outono, tendo como observadores, militares da envergadura do marechal Montgomery e do general Carter. Muitos outros observadores assistiram, e, de entre eles, representantes do exército espanhol e oficiais da fiscalização do S.H. A.P.E., o que deu a este acontecimento notável, foros de grande projecção. Não se esqueceu nestas manobras o tema actual, de o inimigo sujeitar as nossas forças a um ataque com armas atómicas. Toda a matéria desenvolvida no curso deste acontecimento militar foi largamente analisada numa sessão que teve lugar, na grande sala de espectáculos do campo militar de Santa Margarida, presidida pelo nosso Ministro da Defesa Nacional, ladeado pelo glorioso Montgomery. Este, depois de ter assistido às fases mais importantes dos exercícios e finalmente ter ouvido nesta sessão a análise feita pelos nossos oficiais-generais responsáveis pelo planeamento das manobras, usou da palavra, e, com a autoridade de que o reveste o seu glorioso passado e as actuais funções de comandante-adjunto das forças da OTAN, iniciou o seu discurso

grandeza, porque a objectiva não pode mostrar a dois passos e ali não há paisagem nem decoração; nada que atraia o espírito poético, nada que alegre e chame a curiosidade dos olhos. «Enormes, disformes, des-carnadas, desconjuntadas, esfoladas, deixando ver a escabrosidade das pedras como pontas de ossos.»

A poucos metros o templo e a esfinge. Por todos os lados, pedras e sítios escavados, mostram-nos sinais evidentes desses povos primitivos. Pena é que ali, a bem dizer, não existam obras de conservação e embelezamento para tamanha maravilha turística.

Ao longe avistam-se mais pirâmides. Entre umas e ou-

(Continua na 4.ª página)

so elogiando calorosamente a forma como o comando se desenpenhou de tão difícil missão e terminou por dizer que os nossos oficiais não poderiam ambicionar maior honra do que comandar em campanha soldados portugueses. Não é nova esta fama dos nossos soldados e, já o próprio Napoleão, depois de ter sofrido derrotas consecutivas nas suas hostes, comandadas por três dos seus melhores generais, declarou que, com homens assim, conquistaria o mundo inteiro. No dizer do nosso ilustre Ministro da Defesa Nacional, estes exercícios envolveram 30.000 homens, os quais, sem atender às munições gastas, fizeram uma despesa de mil escudos por

cabeça, o que representa uma verba extraordinária de trinta mil contos, dispendidos unicamente com este acto militar.

Este dinheiro daria realmente para muito, noutra sector da vida nacional, por exemplo no campo assistencial, mas sem dúvida que é forçoso concluir com o Senhor Ministro da Defesa Nacional, quando disse: «nós temos compromissos internacionais a saldar e toda a gente sabe que, na nossa geração, obrigação livremente tomada é indiscutível dever sagrado a cumprir. Nisso empenhamos a nossa honra de portugueses, nisso está o nosso orgulho de nação independente e livre».

E o nosso clarividente Salazar, já há muito afirmou que isto é um mal, mas «um mal necessário». EME

## A Campanha do Automóvel Clube e o Problema do Trânsito

(Continuação da 1.ª página)

também, um modesto músico compôs determinada fantasia; com um amigo locutor de certa emissora conseguiram editar o disco da canção que ainda hoje se ouve: «Oh! meu Papá...». Foi um êxito. Em cinco dias venderam-se treze milhões de discos, o que quer dizer que o modesto músico passou a ser um ídolo americano, a viver principescamente e goza, agora os louros da sua canção.

Claro que, apesar de Vitorino de Sousa ser locutor, ter um lugar que lhe dá o direito, de se julgar «persona grata» — e é — do país, talentosamente escrever três artigos sobre o trânsito que lhe proporcionaram um primeiro lugar em concurso, não conseguiu um editor para o seu livrinho, aliás digno de qualquer biblioteca, pelo que encerra de judicioso, jocoso e conceituoso.

Não queremos discutir o problema de trânsito que, a nosso ver, como ao do conhecido jornalista Octávio Sérgio, só teria solução na cidade do Porto acabando com o trânsito. Mas sempre queremos dizer que Vitorino de Sousa, pondo a questão desta maneira conseguiu, pelo menos, em boa verdade, um compêndio do saber transitar no nosso país. E noutra qualquer, este livrinho serviria certamente pa-

ra, ilustrado convenientemente, ensinar às crianças o difícil problema do Futuro.

Finalmente, o estilo correcto, sadio, com que Vitorino de Sousa abordou os seus conceitos, serve de base a muitos dos que gongóricamente querem equacionar problemas, cuja incógnita eles ainda tornam mais complexa com o seu estilo, pobre de forma mas rico de colorido em dificuldades de assimilação.

Creiam os condutores de automóvel, quer amadores, quer profissionais, que «UM CASO DE CONSCIÊNCIA — O Problema do Trânsito» é um livrinho que deve figurar na mala do «tablier» para o entretenimento de quem, como o guiauto, precisa ter sempre presente a sua mais cara preocupação — a Previdência.

**TRIBUNA LIVRE**  
é distribuída em Braga,  
no Quiosque Central,  
Largo do Barão de São  
Martinho

**Visado pela censura**

### Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género.

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão

Telefone 2526

BRAGA

## Tribuna Desportiva

### A "borla" um mal que afecta o desporto nacional

Quem assiste aos desafios de futebol e toma conhecimento, passados dias, das receitas dos mesmos, fica desorientado pela minguidade destas, frente ao número de espectadores.

Quando assistimos ao primeiro jogo do Sporting de Braga, no presente campeonato, sentimos a sensação agradável, pelo número de assistentes, de que o grupo da nossa terra teria uma boa receita.

Soubemos depois que a mesma não tinha ido além dos 8 contos e que diminuídas as despesas o saldo havia ficado nos três mil escudos.

Sabendo nós que o grupo não tem mais de 2.000 sócios com as cotas em dia e sabendo toda a gente que quem as não tiver assim não entra, ficamos a calcular quantas pessoas lá estariam com o direito moral de entrar.

Três mil pessoas seria o número máximo de espectadores, contudo, estavam lá o dobro.

Como?

Uns porque são funcionários com direito e outros porque conseguem o direito por regalias em que o grupo não quer tocar; uns porque jogam em qualquer grupo e outros porque jogaram e ainda conservam os cartões ou, mesmo, nunca jogaram e inscreveram-se só para entrar de graça; uns porque são árbitros e outros porque o foram mas mantêm a regalia; uns porque representam a imprensa e outros porque à sombra dela se abrigam, só para aquele efeito; e muitos e muitos porque conseguiram um meio de obter

um cartão que lhes permita a entrada.

Naquele estádio deveriam de estar naquele dia, e estarão em todos os jogos, tantos «borlistas» como assistentes com o direito à entrada por pagarem ou serem sócios.

E com essa diminuta receita tem o grupo de fazer face a uma despesa que ronda os 50 contos mensais!

O Sporting de Braga dificilmente conseguirá, no presente, receita para cobrir metade da despesa e se não fosse o dinheiro conseguido com a venda de determinado jogador, possivelmente, neste momento, o grupo não teria quem se prontificasse a dirigi-lo.

Se o grupo não subir novamente de divisão este ano, tudo leva a crer que se venha a debater com crise aguda e não o possa depois fazer com facilidade, salvo se a cidade compreender as suas obrigações e passar a contribuir, como o deveria fazer.

Segundo ouvimos, o maior número de sócios existente é dos arredores da cidade, onde se cultiva a fé do Sporting, pois da cidade, propriamente dita, não há 1.000 sócios.

A maioria consegue um meio de entrar de graça e esquece que o grupo não pode viver assim. Se tudo correr bem aparecerão a bater palmas e se correr mal serão os primeiros a incriminar os que trabalharam.

Será então tarde. O Sporting a continuar assim, ou sobre este ano de divisão ou teremos muito que lamentar.

### Comentando o Nacional da 1.ª divisão

Após a quarta jornada do campeonato da primeira divisão, apenas uma equipa, a do Benfica, está invicta e que ao derrotar o campeão Nacional ficou isolado no cimo da classificação com um ponto de vantagem do segundo, o Barreirense.

Esta jornada deu-nos algumas surpresas sendo de salientar a mais flagrante a derrota do Belenenses no Barreiro, que não pode resistir à teimosia dos locais que tudo fizeram para derrotar o seu adversário lutando com um entusiasmo fora do vulgar.

A derrota do F.C.P. pode aceitar-se como certa. O Benfica foi mais grupo, jogou com mais empenho e foi mais incisivo quando atacava procurando sempre que possível perturbar a acção do adversário.

Jogo bem disputado próprio de duas grandes equipas não faltando lances de bom futebol

e de efeito emotivo que entusiasmou o publico.

A Académica fazendo alarde duma magnífica exibição, derrotou por números volumosos a Cuf do Barreiro, não conseguindo desta vez cometer a proeza de ir ganhar como na época finda a Coimbra, pela tangente.

O Torreense não teve grandes dificuldades em vencer o Caldas, acusando já no fim do primeiro tempo a marca de 2-1.

O Oriental que ingressou esta época ao convívio dos grandes, tem feito para já uma carreira deveras interessante, somando pontos que o podem tranquilizar quanto ao seu comportamento na prova.

O Pai Sporting perdendo o respeito ao filho pregou-lhe desta vez com um resultado bastante volumoso. O Sporting da Covilhã começa desde já a ter apreensões com respeito ao seu comportamento e o Sporting

## DOR PRIMITIVA

Tristes dias de Setembro  
Como d' outros me não lembro  
Os que acabei de passar!  
Sem sol, sem lua, apagadas,  
As noites e as madrugadas  
Eram irmãos no trajar.

Quantas manhãs acordava,  
E para o céu espreitava  
A ver a côr que trazia!  
Perscrutava o arrebol  
Mas nem vislumbre de sol  
P'ra meu consôlo, se via!

Entanto, nuvens sombrias,  
Mais tristes que nostalgias,  
Eu via, espessas no céu.  
Estendendo ao largo a vista,  
Desde a fralda até à crista  
Dos montes, o mesmo véu!

Só nos canteiros as flores  
Esbeltas, de várias cores  
Disfrutavam-me a sorrir;  
Porque elas, quase outonais,  
Cada vez brilhavam mais  
Com tanta chuva a cair!

Enquanto que eu tinha viva  
Não sei que dor primitiva  
Dentro de mim a sangrar!  
Que o pranto que derramasse,  
Talvez nem sequer chegasse  
Para a fazer abrandar!

E vão os dias passando  
Todos os seres transformando  
Em morte, vida e calor!  
Das árvores folhas caídas  
Pelo chão aprodécidas  
A outras darão vigor.

Já voltam à Natureza  
Dias de paz e de beleza.  
Noites d'estrelas e lua;  
Só aquela dor tão viva,  
Talvez doença nativa,  
Na minh' alma continua!...

UERBA

## O MEL

O mel é delicioso e útil alimento.

A sua composição é a seguinte: 78,14% de hidratos carbono de água, ferro, cálcio e fósforo;

Os 78,14% de hidratos de carbono do mel são constituídos de frutose e glicose, por conseguinte o seu aproveitamento é de quase 100%.

Com este conjunto de propriedades, o mel possui também as vitaminas A, B2 e C. Não sendo um alimento de alto custo, devemos usá-lo com frequência, quer ao natural, ou na preparação de bôlos bem como o varido doce, de que o mel faz parte, também deve ser dado às crianças, sem receio, mesmo às de tenra idade.

E não esqueça que se 100 anos quizer durar, do nascer ao morrer, do bom mel se deve alimentar.

AVLIS

### Trabalho sem paga

(Continuação da 2.ª página)

imaginar um monte de sabão e uma montanha de roupa.

A mecanização cada vez mais acentuada do trabalho caseiro, trouxe consigo um perigo que atingiu proporções pouco conhecidas. Nas estatísticas das mortes por acidente as casas particulares figuram com cerca de 30%, o que corresponde à percentagem dos acidentes de trânsito.

Todas estas cifras estatísticas não podem esconder a figura irredutível a cifras da esposa e mãe que, apesar de todo o seu trabalho é um manancial perene de carinho e de amor.

lisboeta daria início à esperada recuperação.

Finalmente o Atlético ainda não conseguiu angariar ponto algum e estando já concluídas quatro jornadas, deve começar a inquietar os seus simpatizantes.

A próxima jornada tem dois jogos de muita importância, Porto-Sporting, Cuf-Benfica.

Deve ser viril a luta que se vai travar no Estádio das Antas entre o Porto e o Sporting, eternos rivais, de desfecho duvidoso embora o favoritismo seja dado aos donos da casa é de prever uma partida de bom futebol e bem disputada porque recursos a ambas as equipas não lhe faltam.

O Benfica guia da classificação para não ser desalojado da posição que actualmente ocupa tudo vai fazer para manter o comando e a invencibilidade, sendo apenas a equipa que ainda não conheceu o travo da derrota e quanto a nós não será desta vez que vai perder.

Os restantes encontros talvez venham a ter desfechos favoráveis a todos os visitantes.

Visado pela censura

### A Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efectua seguros em todos os ramos.  
No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada Companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Snr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros.

### OFICINA DE SERRALHARIA CIVIL E ARTISTICA

DE

## ARTUR DA CUNHA CRUZ

SOLDADURAS AUTOGÉNEO E ELÉCTRICA

DESDE O TRABALHO MAIS PERFEITO

ATÉ AO CONSERTO MAIS RÁPIDO E SEGURO

Telefone, p. f. 62113

Feira Nova

## ARES DE PARADELA DO RIO...

## Quadro do dia

Quem viu a miséria na sua frente? Como era?...

—Era uma criança esfarrapada, de olhos lindos mas apagados... de rosto encantador mas famélico... tisonada pelas inclemências e fome?!

—Seria talvez um jovem desgrenhado e macilento... uma flor tão cedo desfolhada... um monturo de bedum e de farrapos, à mercê da fome e do frio?!

—Possivelmente era um velhinho, quase inerte, vergado ao peso da língua e da fome... um rosto pálido e sentido, qual compêndio velho e agastado... uma vida de trabalho honesto dispondo agora só de dois ami-

gos—o saco da esmola e o bordão de apoio, implorando a tudo e a todos a «esmolinha pelo amor de Deus e por quem Deus lá tem»?!

Quando e como viram passar a miséria?...

Todos nós havemos um espelho na nossa vida. Os pobres, os filhos da miséria, essa criança, esse jovem, esse velhinho de que fizemos retrato, veem-se no espelho deles como *tristes abandonados!*

Mas não. O mais pobre dos pobrezinhos não é um simples abandonado no mar encapelado da vida.

—Quem foi que vos disse ó

filhos da desgraça, que éreis abandonados, que ninguém em vós pensava?

—Quem vos mentiu ao afirmar que ninguém mede o alcance do gesto daquelas esmolinhas que ides recebendo?

—Disse: am-vos a sós num pequeno mundo de lixo, de cabelos desgrenhados e sebetos, entregues a cêdeas rapadas... aos farrapos... entregues à fome e ao frio?

São falsas, são descrentes essas vozes!

Irmãos que viveis tristes:

Lá no ceu há quem pense em vós e vos ame; há Alguem que escolhe almas boas que vos confortem neste mundo, composto de cera virgem e de pingos nojentos... Não andais sós. Tendes quem vos defenda; tendes um fiel timoneiro que vela por vós, que dirige as vossas caminhadas, e que faz chegar junto do Altíssimo os vossos sofrimentos e as esmolinhas que recebeis!—É o Anjo da Guarda que a cada um de nós foi destinado. Não vos desesperéis, ó vós que vida amarga passais. Ai de quem vos menos-preze!!!

Será possível haver ricos e medianos que nunca pensassem nisto?!—Se os há, bem mais miseráveis são...

Nunca deixamos passar na nossa frente um ser miserável sem o confortar, e não o deixamos nunca sem o ósculo de irmão!

Outubro de 1956  
(Bernardino Ribeiro)

TRIBUNAL JUDICIAL  
DE  
VILA VERDE  
ANÚNCIO

No dia 20 de Outubro corrente, pelas 10 horas, a Porta do Tribunal Judicial desta comarca, por virtude do ordenado na execução fiscal administrativa que a Fazenda Nacional move contra o Instituto Colonial Ultramarino, há-de ter lugar a arrematação dos seguintes bens:—A) 1/5 do usufruto de uma morada de casas e eido junto, constituído pela reunião dos prédios: Terra do Eido ou Eidinho do Pinto, Campo da Bouça ou Lameiro, com vidonho e mato, no lugar do Cachopo, freguesia de S. Mamede de Escariz, inscrita na matriz urbana sob o art.º 41.º e na rústica sob os art.ºs 118.º e 119.º, entrando o quinto do usufruto, em segunda praça, pelo quantia de Esc. 1794\$30;

B) 1/5 do usufruto do Campo da Velha e Bouça da Telheira junto, de lavradio e vidonho, no lugar do Cachopo, freguesia de São Mamede de Escariz, inscrita na matriz sob o art.º 109, entrando em praça pela quantia de Esc. 879\$10;

C) 1/5 do usufruto da Bouça da Tomada, de mato, no lugar do Xisto, freguesia de S. Mamede de Escariz, inscrita na matriz sob o art.º 645.º, o qual entra em segunda praça por seis escudos e oitenta centavos;

D) 1/5 do usufruto da Leira da Veiguinha ou Geirinha, terreno de cultivo, com oliveiras e algum vidonho, no lugar do Xisto, freguesia de S. Mamede de Escariz, inscrita na matriz sob o art.º 754, o qual entra em segunda praça por esc. 190\$80.

—Pelo presente são citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos. Ficam a cargo do arrematante as despesas da praça e o pagamento integral da sisa que for devida.

Vila Verde, oito de Outubro de 1956.

O Chefe da 2.ª Secção,  
António Monteiro

Verifiquei:  
O Juiz de Direito,  
João Gonçalves Dias

## Album de coisas várias

Começaram as aulas. Abriam as escolas primárias, as do ensino técnico, os liceus, as universidades. Eu andava perdido no meio duma multidão igualmente perdida como eu no seio do barulho gritante da cidade. Rapazes e raparigas enchiam as artérias, livros nas mãos, esperanças incontidas nos corações. As livrarias chei-nhas. Pus de lado os meus pensamentos, as minhas apoquentações, e deixei-me observar aqueles jovens que se cumprimentavam, que conversavam ruidosamente (dando certamente, conhecimento dos acontecimentos passados nas férias). Não me passaram despercebidos muitos rostos novos. Rostos sorridentes alegres, felizes, subjugados por aquela força estranha que leva todo o estudante, nestes momentos preliminares do estudo, a fazer cálculos para o ano escolar, cujos primeiros alvares se lhes apresentam risonhos e esperanças.

E eu pensei na minha vida de estudante...

...De estudante com horários, com professores, com um tanto número de faltas para dar que, verdade seja dita, eu continuo a ser um estudante, um estudante sem horário, sem professores, sem faltas e presenças a marcar... O estudante de todas as escolas, sem uma escola certa... Universário sem universidade!

Fui eu, durante os cursos que frequentei, um bom estudante? Sinceramente: não fui. Dei muitas faltas, reprovei várias vezes, fui outras tantas castigado pelos meus desatinos, pelas minhas desatenções. Recebi, no entanto, vários prémios, e guardo, apenas na lembrança, a amizade de alguns mestres que me distinguiram com o seu afecto, o seu afecto amigo. Repovoando a memória com essas imagens passadas, pergunto a mim próprio se tenho de me arrepender da vida que não aproveitei nos meus tempos de estudante *matriculado*. E respondo: não. De nada tenho que

me arrepender. Fui o que foi, sou o que sou.

No entanto, verifico que as minhas mais caras esperanças, os meus mais belos desejos, desses quase treze anos de estudo com professores e uma escola, foram apenas bolas de sabão que o vento reventou malignamente. Mas de nada tenho de me arrepender.

Dos cursos que tirei e dos outros que frequentei pouco ou nada foi dado de modo a estabelecer-me na vida numa base constituída com o produto dos meus estudos. Os meus estudos, até este momento e desde que pus a escola de lado, em nada me têm valido. O que tenho feito, realizado, se sou o que sou, devo-o a outras circunstâncias e a uma luta que só a mim diz respeito. Não sei se a uma luta de vontade, de coragem, de propósitos definidos, não sei. Apenas sei que, entre o rapaz que estudou e o homem que trabalha, há um abismo que desliga totalmente este presente daquele passado.

Podia hoje ser *alguém*? Usar fruir duma posição social mais brilhante? Olhar para mim, sentindo-me bem colocado num bom emprego, consequência directa dos resultados escolares? Podia! Mas, se me foi dado muito, não me foi dado *aquilo* que eu precisava. Não tenho culpa e não culpo ninguém.

Sei de condiscípulos bem instalados. De outros sei que conseguiram formaturas brilhantes, tirando, assim, partido de livros que, juntos, estudamos. Eles continuaram; eu apenas parei ou, melhor, meu espírito orientou-se por outro caminho—talvez mais difícil, mais obscuro, menos reidioso de glórias materiais e vãs, mas, tenho a certeza, assinalado inteiramente por um labor intelectual onde a minha real presença se identifica desamparada de *muletas*...

J. M. (J.)

## O périplo de África visto do «Vera Cruz»

(Continuação da 4.ª página)

tras, valés que esconderam, até há bem pouco, cobertas pelas areias do deserto, cidades e cemitérios milenários.

Desde a Esfinge às Pirâmides percorremos essa distância nos típicos camêlos, que ali sempre permanecem para esse pequeno passeio turístico. Embora incómodo é cheio de graça, que geralmente é aproveitado para tirar a fotografia de recordação.

Dentro do carro e já a caminho de Alexandria ainda era motivo de grande beleza para os nossos olhos a massa enorme das Pirâmides, dominando a cidade beijada pelo Nilo,

entre desertos, de quem nos despedimos, a caminho de Alexandria, sua porta marítima, com pena de ali não poderemos demorar mais tempo na contemplação desse mundo de coisas pré-históricas, únicas no mundo.

Às duas horas da manhã, abandonamos Alexandria, ficando o cais cheio de vendilhões e prestidigitadores árabes, que, de turbante e túnica traçada, em habilidosos malabarismos, receberam muitos aplausos e dinheiro.

O «Vera Cruz» ia atravessar o Mediterrâneo, em direcção a Nápoles, onde nos demoraremos três dias e donde voltaremos à vossa presença.

## MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

o apanágio da riqueza e do bem estar; criaram a poesia e o lirismo do viver puro e simples das nossas aldeias; conquistaram o festemunho universal da sua simpatia comunicativa, pela doçura do carácter, atracção e hospitalidade, pela sua alegria e ritmo de suas danças nas festas, nos arraiais, nas romarias encantadoras, em que os rapazes e as raparigas se desafiavam, cantado, e logo se correspondiam em versos improvisados.

Ninguém nos pinta melhor e com mais naturalismo e vivacidade de cores, que a pena genial do autor de «Os Fidalgos da Casa Mourisca», o quadro deplorável que nos últimos quartéis do século dezanove ofereceram as fachadas armoriadas dos nobres solares da velha fidalguia, a levantarem-se solenes e tristes, mas desertos, no meio das quintas e das várzeas incultas.

Agora, no nosso século, a distracção do homem do campo do meio dos seus afazeres, atrofia e define a burguesia e mediania rurais; e, se não se acautela, compromete-se irremediavelmente, entregando nas mãos da nobreza do ouro, do dinheiro, o património sagrado que lhe legaram seus maiores, perdida a noção de que a vida do lavrador é a mais nobre e digna das actividades humanas; de que o verdadeiro e são patriotismo não é um sentimento vago nem abstrato, mas encontra o seu fundamento no amor e apego à terra em que nascemos.

É certo que, hoje como ontem, é e será sempre o homem dos campos quem reabastece de nova seiva, de saúde e vigor, as grandes cidades.

Com efeito, todos os dias, a partir das estações de caminho de ferro, desta e de outras províncias, o indivíduo muitas vezes semi-selvagem, amorfo, entra nas calhas da vida com destino às capitais do mundo; e aí, aos tropeções, aos emporrões, cai aqui, levanta-se acolá, numa verdadeira luta pela própria existência, transforma-se, como se passasse por misteriosa fábrica de fundição, no cidadão útil e honroso da sua pátria.

E só degenera na escória da Sociedade, quando relega e deserta dos seus princípios que recebeu no berço, e sempre andaram aliados às mais altas qualidades morais, ao mais notável amor ao trabalho das populações nortenhas, que foram as primeiras a criar a Lusitanidade do Novo Mundo que é o Brasil.

Voltavam outrora, ao fim de muitos anos, a matar saudades infindas da Pátria, a aformosear a casa paterna, a beber da mesma fonte, a abraçar e a descansar sob a mesma árvore secular, a dormir o sono eterno junto do campanário humilde de suas queridas aldeias.

## Da vida primitiva e dos costumes patriarcais

## II

Pelas ligeiras considerações, que antecedem, pode já concluir-se que pouquíssimas terras podem orgulhar-se de tão profundas tradições e raízes históricas como as de Entre Homem e Cávado.

Mas, se porventura quisermos recuar muito mais atrás e reportar a sua história a mais dilatadas origens da vida humana sobre a terra, basta percorrer com atenção os cumes de algumas das suas montanhas, para aí encontrarmos indeléveis vestígios da existência do homem primitivo.

Continua no próximo número